

Drogas-fantasia

Estudo identifica novos tipos de entorpecentes sob o nome de *ecstasy*

Evanildo da Silveira

Os jovens paulistas que turbinam suas baladas usando comprimidos de *ecstasy*, uma droga sintética, podem estar comendo gato por lebre. Um estudo realizado pela Superintendência da Polícia Técnico-Científica de São Paulo constatou que menos da metade, mais precisamente 44,7%, das drogas sintéticas apreendidas no estado contém o princípio ativo do *ecstasy*, a 3,4-metilenodioximetanfetamina, mais conhecida como MDMA. O levantamento identificou 20 substâncias ativas diferentes nos comprimidos apreendidos. O trabalho poderá ser usado para ajudar os serviços de saúde a realizar o tratamento correto em pessoas que vão parar nos hospitais por causa do uso desse tipo de droga. O trabalho foi realizado pelo perito criminal José Luiz da Costa, do Núcleo de Toxicologia Forense da Superintendência da Polícia Técnico-Científica, em parceria com o bioquímico Rodrigo Resende, do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O projeto teve como objetivo principal investigar quais eram as substâncias ativas presentes nos comprimidos vendidos como *ecstasy*. “Analisamos amostras provenientes de 150 diferentes apreensões realizadas pela polícia, nas regiões da Grande São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Sorocaba, Ribeirão Preto, Bauru e Presidente Prudente, entre agosto de 2011 e julho de 2012”, conta. “A partir dos resultados obtidos, conseguimos contribuir para um melhor entendimento sobre as rotas de tráfico das drogas sintéticas, bem como contribuir para a prevenção, diagnóstico e tratamento das intoxicações agudas causadas por elas.” A MDMA foi desenvolvida pelo químico alemão Anton Köllisch (1888-1916) para a indústria farmacêutica Merck, que a patenteou em 24 de dezembro de 1912. Nem seu desenvolvedor nem a empresa imaginaram, no entanto, o impacto que essa substância viria a ter na cultura *clubber*, pautada pelas festas embaçadas a música eletrônica, a partir dos anos 1980. O “sucesso” da droga nesse ambiente se deve a alguns de seus efei-

tos na fisiologia humana, que incluem o aumento da serotonina, dopamina e noradrenalina no cérebro, substâncias que causam euforia, sensação de bem-estar e prazer e eliminam as inibições, o que o deixa o usuário mais sociável. Por isso, o *ecstasy* ganhou o apelido de “droga do amor”.

EFEITOS NEFASTOS

Como toda droga de abuso, essa também tem seu lado nefasto, podendo causar sérios danos a quem a consome. Ao lado dos efeitos que os usuários desejam, eventualmente ocorrem náuseas, desidratação (daí a necessidade de beber muita água), hipertermia, hiponatremia (diminuição da concentração de sódio no sangue, que causa inchaço no cérebro) e hipertensão. No limite, esses problemas podem ocasionar exaustão, convulsões e mesmo a morte. Quando ingerida com bebidas alcoólicas, há risco de choque cardiorrespiratório, que também pode matar. Esses efeitos são conhecidos e tratáveis, quando a pessoa intoxicada é levada a um pronto-socorro.



Ecstasy
verdadeiro e falso
na Polícia
Técnico-Científica
de São Paulo

A situação se complica, no entanto, quando alguém acha que tomou *ecstasy* e informa isso aos médicos, mas na verdade consumiu outra droga sem saber. “As pessoas vão à balada e não sabem mais o que estão tomando”, diz Costa. Isso potencializa o perigo, porque os sistemas de saúde podem administrar o tratamento inadequado. Daí a importância dos resultados verificados no levantamento que o perito realizou. Entre as 20 substâncias detectadas pelo estudo, a segunda mais comum, depois da MDMA, foi a metanfetamina, presente em 22% das amostras analisadas. Da mesma classe da anfetamina, mas mais potente e de efeito prolongado, ela causa dependência e quadro muito semelhante ao da cocaína. Seu efeito é semelhante, mas também pode causar, a exemplo da cocaína, ansiedade, agitação, falta de sono e agressividade.

A pesquisa de Costa detectou ainda nas amostras substâncias como 2,5-dimetoxi-4-bromo-feniletilamina (2C-B), anfetamina, anfepramona, benzocaina, cafeína, cetamina, clobenzorex, efedrina, femproporex, fenciclidina, fenobar-

bital, lidocaína e sibutramina. Também foram identificadas dimetoxianfetamina (DMA), clorofenilpiperazina (CPP), cocaína, pirovalerona e trifluorometilfenilpiperazina (TFMPP). Nem todas são ilícitas, mas a grande maioria tem efeitos semelhantes ao da MDMA – caso contrário, os consumidores não as comprariam. Aí é que está a esperteza dos traficantes. O *ecstasy* clássico, puro, vindo da Europa – principalmente da Holanda e da Bélgica –, dominou o mercado de drogas sintéticas no Brasil dos anos 1990, quando aqui desembarcou, até a metade da primeira década deste século. A partir de então, pressionados pela repressão policial e legal, os grandes produtores e traficantes mudaram de estratégia. Eles passaram a substituir o MDMA por outras substâncias, de efeito semelhante, mas vendendo-as como se fossem *ecstasy*, em comprimidos de cores e formatos iguais aos do original. “Essa troca de princípios ativos ocorre praticamente a cada seis meses”, conta Costa. Hoje, as substâncias da moda são as catinonas sintéticas, um grupo

de droga novo que inclui a mefedrona, a metilona, a metilenedioxipirovalerona, a flefedrona e a nafirona, também conhecidas como “sais de banho”. Elas são semelhantes à catinona natural, um alcaloide encontrado num arbusto chamado *khat* (*Catha edulis*), nativo das áreas tropicais da África Oriental e da península Arábica. São estimulantes, com efeitos semelhantes ao *ecstasy* e às anfetaminas.

DIAGNÓSTICO FOTÔNICO

Os resultados do trabalho levaram os pesquisadores a pensar no desenvolvimento de um *kit* diagnóstico para detectar as drogas usadas pelos usuários. Um problema está justamente na estratégia dos traficantes. Quando o *kit* para uma determinada substância ficasse pronto, ela já teria sido trocada por outra. Porém poderia ser usado para drogas clássicas como cocaína, maconha e os derivados de ambas, além do próprio MDMA e derivações. Resende deu início ao desenvolvimento de um *kit* usando a nanotecnologia e a espectroscopia Raman, uma técnica fotônica de alta resolução que pode proporcionar, em poucos segundos, informação química e estrutural de quase qualquer material, composto orgânico ou inorgânico, tornando possível assim sua identificação.

Resende explica que essa técnica é aplicada diretamente sobre a amostra que se quer analisar, não sendo necessário fazer uma preparação especial no material. “Além do mais, não há alteração na superfície em que se faz a análise, ou seja, o material não é perdido”, diz. “Tivemos que abandonar o projeto, no entanto, pois a verba acabou e não dava para continuar colocando dinheiro do próprio bolso”, diz Resende. Diante disso, Costa diz que a saída são os serviços de emergência em toxicologia ficarem atentos ao trabalho da polícia científica, para saber o que está sendo apreendido, ou seja, qual é a “droga da moda” naquele momento. ■

Projeto

Avaliação da composição das drogas sintéticas apreendidas no estado de São Paulo: implicações toxicológicas e na inteligência policial (nº 2011/06849-2); **Modalidade** Auxílio à Pesquisa – Regular; **Pesquisador responsável** José Luiz da Costa (Superintendência da Polícia Técnico-Científica); **Investimento** R\$ 46.260,70.

Artigo

Togni, L. R. et al. The variability of ecstasy tablets composition in Brazil. *Journal of Forensic Sciences*. v. 60, n. 1, p. 147-51. jan. 2015.